

VIOLÊNCIA, MEMÓRIA E MELANCOLIA EM *EL OLVIDO QUE SEREMOS*, DE HÉCTOR ABAD FACIOLINCE¹

Rosane Maria CARDOSO
UNISC/UNIVATES
rosanemc@unics.br

Resumo: Este artigo apresenta reflexões sobre a obra *El olvido que seremos*, de Héctor Abad Faciolince, e se volta para a discussão da memória como um processo de construção melancólica, dado o sofrimento que envolve as lembranças. Através de uma narrativa pungente, o autor/narrador constrói a imagem do pai, assassinado pela intolerância e pela violência que abalam a Colômbia. Sobrepondo-se ao ato de simplesmente recordar, a trama permite pensar o silêncio e o esquecimento, desdobramentos da memória que estão longe de significar apagamento do fenômeno. Sobre a melancolia, é vista como a forma de discurso do sujeito enunciativo, considerando-se seu vínculo com a criação estética. Na relação entre memória, autoficção e narrativa, o texto se vale de Paul Ricoeur, Steve Stern e Lejeune.

Palavras-chave: Violência; Memória; Melancolia; Autoficção.

Entre o gênio e o louco a diferença não é de natureza, mas de grau.

(PIGEAUD, 2009, p. 124)

Introdução

Alguns pesquisadores têm destacado a valorização de um culto ao passado na literatura hispano-americana atual, sustentando a existência de uma “cultura da memória” que procura compensar a aceleração e a falta de raízes da vida contemporânea e servir como ponto de referência frente ao temor do olvido. Outras considerações críticas ressaltam que o tema da violência seria um apelo mercadológico que os autores acolhem sem muitas reservas. A violência seria um *tema de moda* (Vich, 2009) que alimentaria o ávido público leitor ainda receptivo à literatura hispano-americana como exótica. A violência seria, assim, a substituta ou a herdeira, guardadas as devidas proporções, do realismo mágico.

De minha parte, vejo como excessivo pensar em um culto ao passado, pois sugere uma ideia de estagnação que definitivamente não é o caso. Há, sim, um

¹ As considerações aqui levantadas já foram apresentadas em outros eventos, tendo em vista que fazem parte da pesquisa que vem sendo desenvolvida pela autora, intitulada **Violência e subjetividade na narrativa latino-americana contemporânea**, no PPGL/Leitura e Cognição, da Universidade de Santa Cruz do Sul/RS.

movimento em relação à memória, mas ele é ágil e é necessário no sentido de problematizar um presente sufocado de verdades oficiais. A América Latina, como sabemos, tem muitos segredos em seus porões. Além disso, a globalização impõe a todos um “estar presente e estar conectado ao mundo”. A escrita hispano-americana que debate memórias não se oculta disso. Mas coloca na berlinda, do meu ponto de vista, a pergunta: pode-se ir-se em frente sem se saber quem se é? Ou, ainda, entender “quem eu sou, neste momento de globalização, dentro da localização?”.

Isso, em parte, também responde à dita moda da violência. Ninguém nega que existe um mercado e que os escritores vivem dele. Mas a diferença continua sendo como se escreve e não sobre o que se escreve.

Violência e melancolia

Esta discussão volta-se para o amplo campo de estudos oferecido pela narrativa hispano-americana contemporânea no que tange às representações da memória sobre períodos de conflito e sobre como os sujeitos tentam dar sentido ao passado recente, narrando sobre si e sobre o outro. Em regiões afetadas por sangrentos conflitos internos, essas narrativas podem representar o desejo de compreender o ocorrido, trazendo à tona discursos soterrados. O “narrar sobre si”, observando o sentir do sujeito contemporâneo para a violência que o cerca ou que faz parte de seu passado recente pode propiciar a reelaboração da memória e, por consequência, propor uma revisão sobre seus desdobramentos, isto é, o silêncio e o esquecimento.

Apresento aqui algumas reflexões sobre *El olvido que seremos*, de Héctor Abad Faciolince, publicado em 2005. Saliento que este não é um texto de conclusões ou de posicionamentos críticos categóricos. Ele se constitui de perguntas. Por isso a insistência em falar-se em reflexões que, no caso, têm por base em três problemas: a melancolia do sujeito que narra; a memória como um processo de cura, de denúncia e de permanência; e o autor/narrador como um problema literário.

Estas reflexões, pois, veem a obra como um processo narrativo que se constrói em uma enunciação melancólica que resulta, em parte, em memória emblemática sobre eventos que o narrador entende que devem ser trazidos à tona, seja por uma questão de justiça, seja porque lhe permitirão certo consolo ante o drama vivido. Na medida em que delineia, em linguagem que considero lírica, o retrato do pai, também desvela, aos poucos, parte da história da Colômbia, considerado o país mais violento da América Latina (KOHUT, 2002). A literatura que oferece é apresentada como claramente biográfica: “Al escribir este libro [...] entendí que la única venganza, el único recuerdo, y también la única posibilidad de olvido y de perdón consistía en contar lo qué pasó, y nada más” (FACIOLINCE, 2006, p. 225).

Percebemos, então, que a denúncia se constrói no inconformismo diante do vazio que se apresenta no silêncio sobre os acontecimentos. Em diversas passagens da obra, Faciolince reitera o peso da ausência paterna. Creio que essa dor permite associar memória e melancolia. Para pensar a melancolia na obra, certamente podemos nos valer de Freud ou de Lacan e em longas elucubrações sobre luto e melancolia. É preciso assinalar, contudo, que esse debate já vem de Aristóteles e que seguiu sendo problematizado no medievo, no Renascimento, no Romantismo. Esse contexto faz perceber o caráter interdisciplinar da melancolia, o que torna redutor associá-la, como se faz atualmente, à depressão.

Com isso, volto-me para o viés estético da melancolia e, neste caso, para Sontag que, em *Sob o signo de Saturno*, percebe a caracterização do melancólico na relação implacável e consciente, ainda que incerta, do eu, que é um texto e, como tal, precisa ser decifrado, construído (SONTAG, 1987, p.91). A autora, que estuda, no referido ensaio, a Walter Benjamin como melancólico, recorre a ele para ratificar o papel da memória como encenação do passado, transformando eventos em quadros. Por esse viés, Sontag vê no melancólico, porque perseguido pela morte, aquele que melhor percebe o mundo, ou, em outras palavras, “é o mundo que se rende à minuciosa investigação do melancólico, como não se rende a ninguém mais. Quanto mais inertes as coisas, mais poderosa e criativa pode ser a mente que a contempla” (SONTAG, 1987, p.85).

Ao contar a história da família interligada com a da Colômbia, o narrador constrói a sua memória dos acontecimentos, diferente da história oficial, mas que também se oficializa na medida em que toma corpo para o leitor. Em que pese que eventos reais estão ali – a biografia, a corrupção, o massacre, os testemunhos, assim como é certo que não faltarão documentos que confirmem o narrado – é sabido também que é uma memória pessoal a que vige o texto. Faciolince, já no título da sua obra, nos diz que o momento em que deixamos de ser é quando a memória dos outros nos abandona.

A escritura de Faciolince, com isso, coloca diante do leitor uma questão de ordem conceitual. O autor/narrador não deixa seu público esquecer que não se trata de ficção, mas de uma vergonhosa realidade. Se, por um lado, a recepção do texto pode ser inquietante, na medida em que se perde a confortável segurança da definição do que seja um romance, por outro a obra deixa claro que se centra na rememoração, o que nos leva a Benjamin (1994), que pondera que no gênero romanesco, o narrador se utiliza da rememoração para reviver os acontecimentos de sua existência na própria experiência da narração e nisso busca sentido para a vida. Esse ponto de vista pode se coadunar ao que diz Luckács (2000) que vê no romance a única possibilidade de a literatura trazer a valorização da experiência do sujeito. Percebendo arte, pois, como essencial para captar-se o homem – e a sociedade, por consequência – a transgressão do autor é antes uma licença à biografia em favorecimento a um modo lírico de falar da vida.

No caso de Faciolince, ele executa todas as manobras narrativas ficcionais, na medida em que, além de obviamente contar uma história, usa os recursos retóricos comuns ao ato de narrar literariamente. No entanto, ele se suprime como protagonista, na intenção de enaltecer o pai. Mas é um falso ocultamento, pois também não se investe do papel de um narrador-testemunha. O autor, de certo modo, apaga o narrador ou é um narrador que se imiscui não apenas na personagem que é, mas também na insistência em colocar-se como o escritor real do texto. Em passagens como “aquí no repito por conselho de mi editor” (p.177) Faciolince estabelece a dúvida sobre estar eximindo-se da ficcionalização ou justo se autoficcionalizando. A questão deixa o leitor preso entre os eixos querendo, talvez, ceder à narrativa simplesmente, ou, quem sabe, apurar o quanto de “real” está posto na obra. Esse desconforto, seguido de libertação, se daria, conforme atenta Lejeune, porque há, desde antes da leitura, uma proposta de pacto entre obra e receptor, que liberta o segundo da “verdade”. Será o leitor quem poderá estabelecer o distanciamento entre o dito e o que possivelmente ocorreu.

Nas palavras de Lejeune, o objetivo da biografia é passar adiante uma experiência humana e existem muitos caminhos para chegar-se a isso (LEJEUNE, 2004). O nome próprio do autor articula pessoa e discurso e essa construção persegue o narrador na perspectiva do leitor, ainda que este não conheça quem relata. De fato, a identidade do autor e sua vida se presentificam ante o receptor e seu discurso se torna o

real. Na (meta)ficção criada em *El olvido que seremos*, o autor esclarece que “los libros son simulacros de recuerdo, una prótesis para recordar, un intento desesperado para hacer un poco más perdurable lo que es irremediabilmente finito.” (FACIOLINCE, 2006, p. 272). Desse problema levantado pelo autor, saio considerando o argumento de Gustavo Bernardo: “temos acesso ao real apenas através da mediação dos discursos; todo discurso elabora ficções aproximativas à realidade, portanto, todo discurso funda-se pela ficção” (BERNARDO, 2010, p.15).

Porém, a saída encontrada em Bernardo não é suficiente, já que aqui se discute ficção e literatura. Portanto, acrescento que o discurso fundado por Faciolince, ademais de estabelecer o problema discutido até aqui entre real e ficcional, traz à tona o que talvez de fato permita o pacto de que fala Lejeune. Como se sabe, contrapor ficção e não ficção não pressupõe que, no primeiro caso, se esteja falando de literatura. *El olvido* tem uma proposta estética. De fato, ao convidar o leitor para conhecer uma realidade, esta é subvertida pelo tratamento estético dado ao texto.

Avançando na relação entre a autobiografia e a autoficção, a primeira pressupõe que há algo de importante para dizer sobre o sujeito. A segunda é uma incidência sobre o “eu”. A autoficção poderia ser vista, pois, como desdobramento da autobiografia. Se se pensar em uma diferenciação mais precisa, ela se pauta na subjetividade, uma vez que uma escrita sobre o “eu” se sobrepõe a uma escrita sobre a “minha história”. Aqui se justificaria, por exemplo, o tom queixoso, nostálgico e melancólico de Faciolince. O pai é uma perda dele próprio. Ele conta o pai, conta o país, fala da corrupção, mas é o “si mesmo” que se sobressai, é sobre ele que se abate o sofrimento quase patológico. Mas também está inegavelmente presente um sentimento de que é preciso lembrar para evitar que o ocorrido traumático se repita frente à persistência da violência como uma marca opressora sobre a vida contemporânea.

Aqui, passamos a outro desdobramento da memória. Se o discurso permite contar, preservar e denunciar determinada história, esse processo poderia se aproximar do que Stern (2002) considera memória emblemática. As pessoas possuem, em geral, uma significativa variedade de experiências de vida e guardam diversas de memórias (soltas) mais ou menos separadas das que ocorrem no âmbito social (emblemáticas). As pessoas em comunidade conectam o individual e o coletivo, mas, ao fazê-lo, dão um sentido maior ao ocorrido, tendo em vista que tais fatores não são somente pessoais, mas afetam a todo um grupo social. Desse modo, a liga entre a memória individual e a memória social envolve as experiências representativas da comunidade, construindo uma espécie de marco – um terceiro tipo de memória social, a emblemática – que organiza, em certa instância, as várias memórias individuais. Não se trata de algo concreto, ainda que, paradoxalmente, seja mais específico em relação a dar-se uma feição para a memória. Exemplificando, pode ser o que frequentemente se chama de história oficial ou um monumento que represente um acontecimento. Ou, como nos convém destacar, um livro. Como o de Faciolince.

No entanto, a fugacidade da memória também se revela na emblemática, na medida em que não se constrói arbitrariamente, ainda que haja interesses, como costuma ocorrer em processos de violência política, principalmente os pautados por ditaduras ou que visem a instaurar um herói adequado para representar determinado episódio. Trata-se, ao contrário, de um processo e, portanto, a rede criada pela cultura de grupos se sobressai, exigindo repercussão e aceitação da comunidade, o que evidentemente funda relações complexas e heterogêneas.

Sabe-se que a autoficção pode ser um recurso da ficção autobiográfica, assim como se sabe que memória e autobiografia estão de comum acordo. Porém, a partir de uma perspectiva da construção de uma memória emblemática, de uma obra que se propõe a ser “vingativa”, de uma interface que se constitui a partir da necessidade de deixar claro que existe uma verdade não ficcional no texto – o chamado marco – que papel pode-se atribuir ao narrador, já que é, concomitantemente, referencial e ficcional? (OLIVEIRA, 2013)

No pêndulo no qual oscila a obra, a resposta pode estar no leitor que optará pelo modo que deseja ler. Ou, mais precisamente, como se acredita nesta análise, a leitura fará o leitor pender para a ordem – referencial ou ficcional – que lhe aprouver, muito provavelmente voltando-se para a ficcionalização. Tal hipótese nasce do modo como Faciolince dirige seu texto. A linguagem poética com que são apresentados os eventos, os encadeamentos, o suspense são artifícios que facilmente fazem o leitor abandonar o referencial sem, contudo, esquecê-lo.

Stern alerta que a memória emblemática, ao organizar várias memórias soltas e articular um sentido maior, vai definindo quais memórias pessoais precisam ser recordadas e quais lembranças devem ser esquecidas ou colocadas em segundo plano, não muito consciente. Em outro aspecto, a memória emblemática é o esquecimento de fatos que traziam perigo à vida pessoal, familiar ou coletiva ao longo de períodos repressivos, o que não representa, segundo Stern (2002), uma forma de amnésia involuntária, mas o desejo ou mesmo a necessidade de abandonar certas recordações perigosas tanto para a integridade física, no caso das repressões políticas, quanto de integridade psicológica do sujeito. Desse modo, cria-se também uma memória emblemática, só que esta é a do esquecimento. Porém, se os traumas tomam tal feição, certamente chegará o tempo em que o conflito interno terá de ser superado.

Stern salienta, portanto, a importância de vozes atentas aos lugares organizadores da memória emblemática que possam apontar os sujeitos a pensar e interpretar os fatos com mais consciência. O que Faciolince executa em sua obra é, simultaneamente, um lançar voz sobre o esquecimento emblemático, criando uma memória emblemática interrogante, reflexiva, pungente. Através da leitura, abre entrelinhas variadas para pensar-se a violência e os homens que produzem e a sofrem. A problematização da autoficção proposta neste artigo não existe em função de ser analisada ou explicada em sua constituição teórica. Ela é apresentada como uma forma de elaboração de memórias, como uma luta contra o esquecimento, como um modo de entender a necessidade de “Faciolince” de recordar, vingar e superar. Se o autor dá ao leitor o direito de entrar na sua história privada, como voyeur e como testemunha, também lhe abre portas para perguntar. E é o que eu faço aqui.

Em *El olvido que seremos*, percebe-se que a memória está vinculada não somente a uma possibilidade de ver o que foi abafado pelo discurso oficial, mas também como um processo subjetivo do escritor. A escrita permite ao autor dizer-se, e dizendo-se, validar a denúncia que repito: “me saco de adentro estos recuerdos como se tiene un parto, como se saca un tumor.” (FACIOLINCE, 2006, p. 253). Com esse desabafo, elabora a curiosa simbiose entre o que deseja expulsar e a ideia de renascimento. O eu ali envolvido está, literalmente, mais presente, penetrando no texto para que tudo seja dito a partir da própria experiência. Como um componente da memória e como se apresenta, a autoficção propõe um enlace entre a lembrança e o compromisso do narrador em definitivamente retificar a imagem do pai, denunciar-lhe a morte e tudo o que ela envolveu, e, com isso, concretizar a vingança do filho.

No entanto, esta reflexão, assim como as anteriores, pode ser apenas um argumento de alguém que, ao estudar literatura, tenta, devido às cadeias acadêmicas, teorizar sobre o não teorizável, isto é, sobre o simples fato de alguém querer dizer algo a alguém que ama e que foi embora para sempre.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERNARDO, Gustavo. *O livro da metaficção*. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.
- FACIOLINCE, Héctor Abad. *El olvido que seremos*. Barcelona: Seix Barral, 2006.
- LEJEUNE, Philippe. La pasión por la autobiografía. Entrevista a ALBERCA, Manuel. *Cuadernos Hispanoamericanos* (julio-agosto, 2004). Disponível em <http://www.revistasculturales.com/revistas/17/cuadernos-hispanoamericanos/num/649-650/>. Acessada da reprodução da entrevista em www.autoficcion.es. Acesso em 27 de novembro de 2013.
- LUCKÁS, Georg. 2000. *Teoria do romance*. 2000. Duas Cidades/Editora 34.
- OLIVEIRA, Bruno Lima. *O retorno do autor na literatura contemporânea*. Disponível em http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lt16_artigo_5.pdf. Acesso em 22 de agosto de 2013.
- STERN, Steve. De la memoria suelta a la memoria emblemática: Hacia el recordar y el olvidar como proceso histórico (Chile, 1973-1998). In: E. Jelin (comp.). *Las conmemoraciones: las disputas en las fechas "in-felices"*. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2002.